



Modelos baseados no uso: um panorama de pesquisas em língua portuguesa brasileira com base em dados empíricos

Usage-based Models: an Overview of Research in Brazilian Portuguese Grounded on Empirical Data

Maria Angélica Furtado da Cunha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte / Brasil
angefurtado@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3128-6852>

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
adornomarciotto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1857-0207>

Resumo: Com o objetivo de traçar um perfil das pesquisas mais recentes orientadas por modelos baseados no uso, este artigo reúne trabalhos fundamentados em dados empíricos, principalmente no âmbito de dois projetos principais: Grupo D&G (Discurso de Gramática -UFRN/UFRJ/UFF) e Projeto CAPB (Corpus Acadêmico do Português Brasileiro – UFMG/UFV). Na tentativa de mostrar a proeminência dessa linha de pesquisa, principalmente no que concerne à formação de pesquisadores de alto nível, as pesquisas aqui reunidas dialogam entre si, assinalando a relevância dos resultados encontrados em Português Brasileiro, e também apontando um crescimento importante e substancial no campo do discurso e da gramática funcional no país.

Palavras-chave: modelos baseados no uso; linguística funcional; *corpora*; gramática.

Abstract: Aiming at tracing a profile of the most recent research carried out in the field of Use-Based Linguistic Models, this paper brings together studies that relied on empirical data, mainly within the scope of two specific projects: CAPB Project (*Corpus Acadêmico do Português Brasileiro* – UFMG/UFV) and D&G (Grupo Discurso e Gramática-UFRN/UFRJ). In an attempt to show the prominence of the area, especially regarding training high-level researchers, the studies gathered here intertwine with each

other, underscoring the relevance of the results found in Brazilian Portuguese, as well as pointing to an important and sustained growth in the field of research in discourse and grammar in the country.

Keywords: usage-based models; functional linguistics; *corpora*; grammar.

1 Abordagens baseadas no uso: pressupostos teórico-metodológicos

Nas últimas décadas, as teorias linguísticas baseadas no uso ganharam maior projeção no domínio dos estudos da linguagem. Essas teorias entendem a gramática como uma estrutura em constante adaptação e mutação, em consequência de necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes. Nesse sentido, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação. De acordo com diversos autores (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016, 2015, entre muitos outros), a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada, de modo que a aparente regularidade e a instabilidade da língua são motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016). Segundo Bybee (2016), as teorias baseadas no uso se desenvolveram diretamente do funcionalismo norte-americano, praticado por muitas décadas (NOONAN, 1998), e, em certo sentido, são apenas um novo nome para ele.

Um modelo linguístico que pretenda descrever e explicar a gramática com base no uso que dela fazem os indivíduos em suas interações verbais tem, necessariamente, que levar em conta as situações e os contextos comunicativos em que esse uso se atualiza. Sendo assim, os modelos baseados no uso se interessam pelos fatores cognitivos e comunicativos presentes no discurso contextualizado (TRAUGOTT, 2004), os quais, em última instância, são responsáveis pela estruturação da gramática. Esse tipo de abordagem assume a importância das funções da língua na descrição de suas formas, de tal modo que cada elemento linguístico deve ser caracterizado com respeito ao papel que ele desempenha nos processos reais de comunicação.

Diversas pesquisas evidenciam que, de um modo geral, as categorias linguísticas se comportam como as categorias conceituais humanas (LABOV, 1973; LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995; THOMPSON; HOPPER, 2001). Nessa direção, as categorias linguísticas são formadas

por meio do contínuo processo cognitivo de classificação, refinamento e generalização a partir das interações comunicativas diárias. A frequência de uso de um dado elemento motiva seu estabelecimento no repertório do falante e faz dele uma unidade de processamento, o que demonstra que o falante explora recursos gramaticais disponíveis para atingir seus objetivos comunicativos. Ao mesmo tempo, porém, a observação do discurso espontâneo revela padrões recorrentes que vão além do que é previsto pelas regras gramaticais, apenas, e a motivação para a existência desses padrões deve ser buscada no âmbito da cognição e da comunicação.

Tendo em vista que os modelos baseados no uso reconhecem que há uma relação direta entre as representações mentais da gramática e o processamento de instâncias da língua em eventos de uso, os *corpora* ganham importância no desenvolvimento de análises gramaticais. O desenvolvimento de amplos *corpora* de discurso contemporâneo falado e escrito bem como de textos históricos tornou possível testar hipóteses acerca dos efeitos do uso sobre a gramática.

Do ponto de vista metodológico, para o desenvolvimento de pesquisas fundamentadas em instâncias reais de gramática em uso, é necessário a constituição de *corpora* que reúnam um conjunto expressivo de dados para análise. Em geral, nas abordagens baseadas no uso é importante aferir tanto a frequência de ocorrência, ou seja, o número de vezes em que o elemento investigado ocorre no texto, como a frequência de tipo (BYBEE, 2006), isto é, o número de expressões diferentes que tal elemento tem, bem como a sua configuração no cotexto linguístico e no contexto comunicativo, e os processos sociointeracionais e cognitivos subjacentes ao seu emprego. Conforme já assinalado, um modelo baseado no uso toma a gramática como resultado da organização cognitiva de experiências com a língua. Alguns aspectos dessa experiência como, por exemplo, a frequência de uso de certas construções, têm um impacto na representação linguística do falante, comprovado no conhecimento que ele tem de expressões convencionalizadas e da variação e mudança linguísticas (BYBEE, 2006).

É importante também ressaltar que, nas abordagens baseadas no uso, a linguagem é concebida como um repertório de construções simbólicas, entendidas como mapeamentos de formas e padrões lexicais, morfológicos, sintáticos e prosódicos, com funções discursivo-pragmáticas específicas (SLOBIN, 1997; TOMASELLO, 2003; TROUSDALE; HOFFMANN, 2013). Como o foco no uso requer que

evidências empíricas sejam observadas para a produção de respostas satisfatórias a questões centrais de pesquisa, a compilação de um *corpus* pode ser vista como uma possibilidade de gerar conjuntos extensos de dados, direcionados a análises linguísticas variadas.

Diante desse panorama inicial, este artigo visa a reunir resultados de pesquisas orientadas por modelos baseados no uso, tendo como fio condutor os *corpora* compilados pelo grupo de estudos Discurso & Gramática e pelo Projeto CAPB (*Corpus Acadêmico do Português Brasileiro*).

2 O grupo de estudos Discurso & Gramática: *corpora* e trabalhos produzidos

O grupo de estudos Discurso & Gramática (D&G) reúne professores, doutorandos, mestrands e alunos de iniciação científica de três IES – UFRN, UFRJ e UFF – que seguem a orientação funcionalista norte-americana¹. Quanto aos objetivos de pesquisa, o grupo está centrado no exame da trajetória da língua, que surge no discurso, se cristaliza na gramática e pode retornar ao discurso. Em termos teóricos e empíricos, trabalhamos no intuito de melhor compreender a evolução da gramática do português. Para tanto, aplicamos, testamos e desenvolvemos os princípios e categorias do funcionalismo norte-americano contemporâneo na descrição e interpretação de diferentes aspectos gramaticais do português, analisando manifestações de mudança/variação morfossintática em textos falados e escritos. Buscamos, ainda, estabelecer uma interface com questões relativas ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa, com a finalidade de contribuir com subsídios para uma prática produtiva do ensino de gramática. Mais recentemente, o D&G tem incorporado em suas pesquisas contribuições teórico-metodológicas da Gramática de Construções, resultando em nova orientação denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). O grupo tem contribuído significativamente para a formação de mestres e doutores funcionalistas e de alunos de graduação, nesse caso por meio de programas de iniciação científica. Essa formação de recursos humanos tem-se desdobrado na criação de novos grupos de pesquisa de base funcionalista em outras instituições de ensino superior.

¹ Maiores informações em <https://discursoegramaticablog.wordpress.com>

O D&G é responsável pela constituição de *corpora* que registram o português do Brasil, a exemplo do *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Resultante de um projeto interinstitucional que abrangia diferentes IES, a exemplo da UFRN, UFRJ, UFF e UFJF, esse *corpus* registra dados de fala e escrita utilizados como fonte empírica para diversas pesquisas de orientação funcionalista como também para investigações sociolinguísticas. Os documentos que o compõem foram produzidos pela comunidade estudantil de Natal/RN na década de 1990. Trata-se de uma coletânea de textos divididos em narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião, contemplando sequências tipológicas distintas. Cada um dos informantes produziu os textos oralmente e, a partir daí, elaborou o material escrito, de modo que o *Corpus* viabiliza uma comparação mais rigorosa entre as modalidades oral e escrita.

Na coleta de dados para a constituição desse *corpus*, foram seguidas algumas instruções necessárias para garantir uma condição de comunicação que se aproximasse o máximo possível de uma situação real e espontânea de interação. Assim, os dados não refletem uma situação de completa naturalidade, muito embora não tenha havido, também, um total planejamento. Pode-se, portanto, classificar o *corpus* como representativo de um discurso semiplanejado. Ou seja, apesar de as sequências tipológicas não representarem conversação natural, elas são, todavia, interacionais. Cabe notar que esse banco de dados representa a primeira amostra de uso real da língua pelos falantes de Natal, o que ressalta seu valor documental.

Esse material empírico tem servido de base para a investigação de fenômenos linguísticos diversos, especialmente em dissertações de mestrado e teses de doutorado que se fundamentam em vertentes teóricas baseadas no uso. A título de ilustração, citamos os seguintes trabalhos: Costa (1995), sobre os procedimentos de manifestação do sujeito; Silva (2008), que trata das motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação; Bispo (2009), quanto às estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino e Cesar (2020), sobre uso, cognição e rede construcional do evento de movimento transitivo.

Outro conjunto de dados de natureza regional é o *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011). Consiste em

um *corpus* de fala estruturado que retrata a fala casual dos natalenses, refletindo o discurso natural, espontâneo, sobre o dia a dia. As conversas foram reunidas por temática e os eventos foram registrados em recintos onde as pessoas se reúnem e onde a atenção não estivesse voltada diretamente à linguagem, mas à atividade interacional em curso. Além do trabalho de gravação e transcrição, procedeu-se também à segmentação do material transcrito em unidades entonacionais. “Unidade entonacional” pode ser rudimentarmente caracterizada como uma porção de discurso produzida sob um único contorno entonacional coerente. Segundo Chafe (1994), a unidade entonacional representa a unidade fundamental do processo de produção do discurso falado. Essas unidades são limitadas por pausas que o falante naturalmente produz na fala. Significa dizer que cada pausa marca uma frase entonacional e cada unidade entonacional foi transcrita em uma mesma linha.

O Banco Conversacional de Natal (BCN) pode fornecer comprovação empírica para os trabalhos desenvolvidos não só no interior do grupo de estudos Discurso & Gramática da UFRN, mas também para dissertações e teses que seguem outras orientações teóricas. O BCN serve como fonte de dados e material de constantes pesquisas para a comunidade acadêmica por ser a primeira amostra do estado do Rio Grande do Norte que contempla o discurso natural, espontâneo, dos falantes natalenses. Esses dados são relevantes para todos os estudiosos que se interessam por análises linguísticas de cunho discursivo e interacional. Algumas pesquisas desenvolvidas no âmbito da UFRN utilizando esse *Corpus* são: Melo (2011), sobre construções de estrutura argumental com verbos de percepção; Lima (2013), que trata da transitividade na conversação; Lucena (2016), a respeito da construção transitiva no PB.

No Brasil, os modelos baseados no uso vêm sendo aplicados na análise de diferentes fenômenos gramaticais por pesquisadores de diversas universidades brasileiras. Essas aplicações podem ser vistas, por exemplo, em Rosário e Oliveira (2016), a respeito da mudança linguística da construção LocVconnect; Bispo e Moreira (2017), acerca dos processos de mudança da construção na hora (em) que + oração; Santos e Cezario (2017), em torno da formação da construção XQUEconnect no português; Fumaux, Alonso e Cezario (2017), quanto à construcionalização de um monte de SN; Silva e Sabino (2020) sobre a construção estativa com o verbo ‘ser’; Chaves (2020), que trata da construção SN+V+ SN_{NU} e Furtado da Cunha (2020), sobre a semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica, entre tantos outros.

Vale citar, ainda, trabalhos que promovem o diálogo entre os modelos baseados no uso e o ensino de línguas, a exemplo de Santos (2005), acerca das metáforas e metonímias no contexto de ensino-aprendizagem de língua espanhola; Costa (2007), a respeito da estrutura e funcionamento dos pré-fabricados linguísticos; Bispo e Silva (2020), sobre o tratamento da oração adjetiva no Ensino Fundamental; Rosário (2021), quanto ao ensino de sintaxe na Educação Básica; Freitas Jr. *et al.* (2020, 2021), sobre diversos aspectos da aquisição de escrita de L2 (segunda-língua) por aprendizes surdos.

3 O Projeto CAPB e a formação de pesquisadores em linguística funcional: estudos em perspectiva

O *Corpus Acadêmico do Português Brasileiro* (CAPB) é um projeto inicialmente desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal de Viçosa (MIRANDA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018). A iniciativa de compilar o CAPB, que pode ser acessado gratuitamente em <https://sites.google.com/view/corpusacademico>, foi duplamente motivada. Em primeiro lugar, a compilação do *Corpus* surgiu da necessidade de criar um banco de dados representativo do gênero acadêmico brasileiro, empreendimento já bem-sucedido e consolidado, por exemplo, em países de língua inglesa (WEBB; NATION, 2017), mas ainda incipiente em língua portuguesa brasileira. Em segundo lugar, e não menos importante, a criação do CAPB corroborou a iniciativa de formar recursos humanos de alta capacidade para a realização de pesquisas linguísticas variadas no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados no Brasil, tais como o GEPTED-CNPq (Grupo de Estudos em Pragmática, Texto e Discurso), com sede na Faculdade de Letras da UFMG.

Composto por artigos científicos das oito grandes áreas de conhecimento do CNPq: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde, Engenharias, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, o CAPB contém 2.898 artigos científicos, disponíveis no portal SciELO, e aproximadamente 12,3 milhões de *tokens*, calculados com auxílio do programa *Kitconc* (MOREIRA FILHO, 2008).

A seleção de artigos acadêmicos disponíveis no Portal SciELO justificou-se pela variedade de periódicos compartilhados pelo *site*, bem como pela disponibilidade da licença *Creative Commons*, que abrange todos os textos nele publicados, permitindo sua distribuição e adaptação, desde que atribuído o devido crédito ao original.

Entre as pesquisas de base funcional realizadas com base no CAPB, destaca-se o trabalho de Miranda (2021). Nesse estudo, os fundamentos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) possibilitaram a identificação de categorias descritivas do português brasileiro (PB), que foram analisadas com base na observação dos padrões de realização específicos. A pesquisa objetivou, dessa forma, centrar-se na interpretação da língua descrita – o português acadêmico brasileiro – sem tomar emprestado as categorias de outras línguas, por exemplo, o inglês, tão largamente analisado nessa área. Objetivou-se, assim, proceder a uma descrição linguística, com base em evidências de instâncias textuais particulares (CAFFAREL *et al.*, 2004).

Considerando-se que a teoria sistêmico-funcional entende a língua como um sistema multidimensional semiótico, cuja organização projeta-se nas descrições linguísticas reveladoras de potencial para construção de significados, a abordagem semiótica é tida como holística e não-componencial, pois enfatiza a proeminência da organização sistêmica das línguas estudadas.

Para analisar o sistema da transitividade no vocabulário acadêmico de diferentes áreas do conhecimento em PB, Miranda (2021) adotou a proposta da divisão vocabular de Nation (2001) e de Webb e Nation (2017), além de empregar variadas ferramentas da Linguística de *Corpus*, tais como os softwares *Kitconc*, *#LancsBox* e *Sketch Engine*.

Do ponto de vista sistêmico, a TRANSITIVIDADE representa um mecanismo do estrato da léxico-gramática, responsável por representar ações e atividades em uma configuração de processo, que conta com participantes e circunstâncias (figuras) envolvidas. Por sua vez, os processos constroem-se em um conjunto de TIPOS DE PROCESSOS, em que cada tipo configura um modelo distinto para a construção de um determinado domínio da experiência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Ao representarem a experiência externa e interna do mundo, os processos são classificados em três tipos primários, considerados os mais frequentes no sistema da transitividade da língua inglesa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). São eles os processos materiais (figuras de fazer), mentais (figuras de sentir) e relacionais (figuras de ser). Há, ainda, os processos considerados secundários: verbais, comportamentais e existenciais, que estão na fronteira entre os primeiros e que parecem ser mais sujeitos à variação entre diferentes línguas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Na pesquisa de Miranda (2021), foi possível observar que os dez verbos mais frequentes analisados, a saber, *apresentar; utilizar; realizar; considerar; observar; encontrar; ocorrer; mostrar; analisar e determinar*, correspondem aos processos centrais e secundários classificados por Halliday e Mathiessen (2014). Registrou-se, ainda, a ocorrência de processos materiais, relacionais e mentais, havendo menor ocorrência de processos verbais e existenciais.

Além disso, e ainda mais importante do ponto de vista da descrição do PB, os resultados obtidos nessa pesquisa reafirmaram que as escolhas de cada tipo de processo, associadas à configuração da sentença e dos participantes que integram os processos, refletem as características do gênero acadêmico, que objetiva, em linhas gerais, reportar ações realizadas em uma pesquisa (processos materiais), expor teorias e resultados (processos relacionais) e analisar os dados e conceitos (processos mentais).

Nessa direção, no trabalho de Miranda (2021), é também digna de nota a prevalência da omissão do participante autor (A1), registrada de diferentes formas, por exemplo, pelo uso da voz passiva, pelo emprego de terceira pessoa do singular acrescido da partícula *se*, além do emprego de nominalizações, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

- (1) Os perfis **foram analisados** no aplicativo “GPR Bathymetry”, aplicando ao radargrama a função “set time zero” para a localização e remoção da onda direta (MIRANDA, 2021, p. 70).
- (2) Da constelação de cinco satélites RapidEye, **utilizaram-se** [processo material] as cenas 2226120 e 2226121, datadas de 27 de setembro (MIRANDA, 2021, p. 70).
- (3) A comparação [nominalização] no Ciclo II **mostrou** [processo relacional] desempenho inferior do GP II em relação ao GC II em todas as variáveis estudadas. (MIRANDA, 2021, p.70).

Um outro recorte de pesquisa realizada por meio do CAPB foi o estudo de Oliveira, Cunha e Miranda (2018), em que as instâncias de nominalização em textos acadêmicos foram observadas do ponto de vista da polidez linguística. Um dos fundamentos dessa pesquisa centrou-se na afirmação de Brown e Levinson (1987, p. 208), segundo a qual “Quanto mais ‘nominal’ for uma expressão, mais removido o ator é de fazer, sentir ou ser algo; em vez do verbo ser algo atribuído a um ator, o ator torna-se atributo (i. e. adjetivo) da ação”.

Visto por esse ângulo, o emprego da nominalização atenua um potencial confronto direto entre os interlocutores e, por isso, funciona como uma estratégia de polidez negativa (BROWN; LEVINSON, 1987). Assim, embora o trabalho de face (*facework*) em interações mediadas por textos escritos seja menos intenso do que aquele que ocorre em interações presenciais, a negociação de imagens é um aspecto importante do discurso, que pode ser analisado, por exemplo, tomando-se como base as propriedades lexicais, sintáticas e semânticas de textos variados.

Nessa perspectiva, na hipótese de Oliveira, Cunha e Miranda (2018), o emprego de instâncias de nominalização em artigos científicos cumpre a função de responder a pressões discursivas, ligadas ao caráter interpessoal do texto acadêmico. As instâncias de nominalização colaboram, assim, para estabelecer a relação entre o autor do texto acadêmico e o seu leitor potencial, ou seja, trata-se de uma relação criada entre os membros da comunidade científica na qual o texto acadêmico insere-se. A análise de dados extraídos do CAPB ajudou a ratificar a hipótese de Oliveira, Cunha e Miranda (2018), como pode ser observado no exemplo a seguir:

- (4) Quando da execução da AC, 26 pacientes foram desconsiderados pelo próprio procedimento estatístico, que excluiu casos com valores missing para qualquer variável utilizada na construção dos clusters. (Trecho retirado da área de Medicina II). (OLIVEIRA; CUNHA; MIRANDA, 2018, p. 35).

Nesse exemplo, o termo (construção) constitui-se em uma estratégia de proteção de face do próprio autor do texto. Vista dessa forma, a instância de nominalização permite ao autor do texto renunciar à responsabilidade direta por possíveis inconsistências que o leitor possa eventualmente identificar em sua pesquisa. A instância de nominalização atua, nesse caso, como estratégia de polidez negativa em relação à face do autor do texto. Assim, por meio da não-expressão do A1 (participante 1) do processo em destaque (construir), a reputação do pesquisador é resguarda em caso de possíveis críticas a seu estudo, feitas por terceiros. A instância de nominalização torna, portanto, a face do autor do artigo menos exposta a ataques, além de proteger sua intimidade e autonomia.

Na mesma direção, o exemplo (5) apresenta um uso considerado complexo das instâncias de nominalização que, novamente, exercem um papel interpessoal de destaque:

- (5) O gás de síntese é aplicado na formação do metanol e nos processos de Fischer - Tropsch, visando à produção de combustíveis líquidos, olefinas e compostos oxigenados. (Trecho retirado da área de Química). (OLIVEIRA; CUNHA; MIRANDA, 2018, p. 47).

Nesse exemplo, o termo “formação” evidencia um processo que tem como A1 (participante 1) o próprio autor do artigo. Por meio da instância de nominalização (*formação*), o processo (*formar*) é colocado em primeiro plano, sem que seu agente seja expresso. Do ponto de vista pragmático, esse uso pode ser interpretado como uma estratégia de mitigação de possíveis ataques à face negativa do leitor, pois, caso não lançasse mão do emprego de uma instância de nominalização, o autor do texto seria compelido a descrever o encadeamento causal das diversas etapas da pesquisa, incluindo a seleção do gás de síntese, sua aplicação e a resultante formação do metanol, tornando o texto mais prolixo. Com o emprego da instância de nominalização, no entanto, a expressão linguística é compactada, tornando-se mais densa do ponto de vista lexical (HALLIDAY; MARTIN, 1993). Essa estratégia apela, portanto, para o reconhecimento da face negativa do leitor, pois impõe a ele uma menor quantidade de material de leitura, como também torna menos direto o apelo feito a ele pelo reconhecimento dos resultados comunicados na pesquisa.

Além disso, nesse e em outros trechos identificados por Oliveira, Cunha e Miranda (2018), registra-se um outro efeito do uso de nominalizações, ligado à valorização da face positiva do leitor. Isso ocorre porque o autor do texto atribui ao leitor potencial uma habilidade, ou uma certa capacidade técnica, o que associa esse emprego a um ato lisonjeiro de face (*Face Flattering Acts*, segundo Kerbrat-Orecchioni, 1992, 2006 e Leech, 2014). Sob essa ótica, valores considerados positivos no domínio acadêmico, tais como competência, conhecimento avançado e interesse por assuntos complexos, são indiretamente atribuídos ao leitor, já que ele é convidado a recuperar discursivamente elementos omitidos no texto, por exemplo, o participante A1 dos processos nominalizados.

O Projeto CAPB também serviu de base para o estudo de Alves, Miranda e Oliveira (2020), que investigou, em resumos do domínio acadêmico, as relações semânticas promovidas pela CONJUNÇÃO, sistema do estrato semântico-discursivo. Nesse domínio, a pesquisa buscou identificar: (a) as funções da CONJUNÇÃO em um *Corpus* de amostras da língua em uso; (b) a relação entre esse sistema e o contexto – em particular, o campo (*field*); e (c) as possibilidades de realização da CONJUNÇÃO no estrato léxico-gramatical. Para alcançar esse propósito, Alves, Miranda e Oliveira (2021) compilaram uma amostra de resumos de artigos científicos, extraída do CAPB, contendo 650 resumos da área de saúde, retirados de 29 revistas acadêmicas pertencentes ao SciELO. Nesse estudo, Alves, Miranda e Oliveira (2021) conceberam CONJUNÇÃO como um sistema semântico-discursivo que permite a interconexão entre processos de adição, comparação, tempo e consequência (MARTIN; ROSE, 2007). Esses significados podem ser realizados de diversas formas, por exemplo, por meio de grupos conjuntivos, ou por outros tipos de termos, que não pertencem à classe das conjunções tradicionais. De forma geral, esses significados e suas relações ocorrem de maneira implícita no texto (MARTIN; ROSE, 2007), ou seja, as realizações deles não são procedidas na léxico-gramática, mas nos próprios elementos que compõem a oração (ALVES, 2018).

Além disso, no sistema de CONJUNÇÃO proposto por Martin (1992), consideram-se como elementos da figura a entidade (*entity*), o evento (*event*) e a qualidade (*quality*) (HAO, 2015; MARTIN; ROSE, 2007). Esse aspecto pode ser observado no exemplo (6), a seguir, em que a figura é realizada gramaticalmente por um processo material, cujos Participantes “variáveis numéricas” e “teste t ou ANOVA” constroem uma entidade no estrato semântico-discursivo.

(6) Variáveis numéricas foram comparadas por teste t ou ANOVA
(ALVES; MIRANDA; OLIVEIRA, 2021, p. 14).

Além disso, as entidades contribuem para a construção do campo (*field*), como se observa no exemplo (7):

- (7) a. Foram encontradas 2% de fraturas, 2% de osteonecrose e 2,9% de baixa DMO.
- b. Os 16 pacientes com risco para baixa DMO exibiram menores valores em vértebras lombares L1-L4 ($p=0,01$), corpo total ($p=0,005$) e valores mais baixos de massa magra ($p=0,03$).
- c. No grupo de 22 pacientes com mais de 20 anos, dez demonstraram osteopenia (ALVES; MIRANDA; OLIVEIRA, 2021, p. 13).

Nesse exemplo, as figuras de eventos 7b e 7c são engendradas por entidades; porém, não se trata aqui de uma entidade pessoa (*people entity*), mas sim uma entidade ente (*thing entity*). Dessa forma, como observado por Hao (2015), a distinção de diferentes atividades no campo (*field*) pode ser feita por uma perspectiva “de cima” em que as figuras engendradas por uma entidade pessoa, na fase experimento, realizam, no campo, uma atividade exercida pelo pesquisador, como uma entidade ente, uma atividade observada por ele.

Quanto à realização do sistema de CONJUNÇÃO em resumos do domínio acadêmico, os dados de Alves, Miranda e Oliveira (2021) revelaram que as relações conjuntivas no estrato semântico relacionam figuras e sequências de figuras, de modo a constituir a fase discursiva, como pode ser observado no exemplo (8):

- (8) a. Em estudo transversal com 101 pacientes, avaliaram-se a composição corporal e a DMO por meio da densitometria óssea,
- b. interpretando-a conforme a faixa etária e a população de referência.
- c. Foi considerado grupo de risco para baixa DMO valores de z-escore entre -1,1 e -1,9 no grupo dos menores de 20 anos.
- d. Compararam-se os valores da DMO com características clínicas, tratamento recebido e composição corporal.
- e. Foram utilizados os testes qui-quadrado, exato de Fisher, razão de verossimilhança e t de Student, com nível de significância de 5%. (ALVES; MIRANDA; OLIVEIRA, 2021, p. 17).

Constatou-se que, no que se refere à fase de descrição dos experimentos desenvolvidos na área da Saúde, as CONJUNÇÕES sucessivas, como se observa no exemplo (8), contribuem para construir, no campo (*field*), sequências de atividade que mostram os passos metodológicos realizados pelo pesquisador: uma figura segue a outra em sequência. A fase experimento, por outro lado, é diferente da dos resultados, em que as CONJUNÇÕES aditivas dizem respeito a atividades observadas por ele, como foi mostrado no exemplo (7). Diante desses aspectos, reafirma-se que esse sistema do estrato semântico-discursivo contribui para a construção do campo e, portanto, para a criação do gênero (*genre*).

Neste texto, procuramos apresentar um panorama sucinto das pesquisas mais recentes, desenvolvidas pelas autoras e por seus colaboradores, no âmbito dos modelos linguísticos baseados no uso em Português Brasileiro. As evidências teóricas e empíricas apresentadas sugerem um amadurecimento da pesquisa nesse campo, com especial ênfase para a capacitação de pesquisadores qualificados. Como foi possível observar, esse aspecto motivou também a formação de *corpora* linguísticos, em cujo escopo o uso linguístico efetivo pode ser identificado e analisado. Vistos por esse ângulo, os artigos que compõem este número, brevemente descritos a seguir, contribuem, de forma substancial, para a pesquisa na área.

4 Considerações finais

Este número temático da RELIN, dedicado a pesquisas relacionadas a *Modelos baseados no uso: teoria, análise e ensino* é inaugurado pelo artigo de *Leila Cruz Magalhães e Luiz Fernando Matos Rocha*, intitulado **A emergência da Interação Fictiva em sala de aula como estratégia de ensino e aprendizagem**. Nessa pesquisa, os autores investigam manifestações específicas de fictividade em dados linguísticos orais coletados por Cadilhe (2013) em aulas ministradas em um curso de graduação em medicina. Constatam que o fenômeno da fictividade estrutura o ensino e a aprendizagem e atua como um dispositivo moderador de ambos os processos.

Fernanda Bispo Correia, no artigo **Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das personas de História da Minha Infância, de Gilberto Amado**, demonstra como

os perfis sociais de personagens de uma obra literária vinculam variantes linguísticas específicas. Essa vinculação incide em relações hierárquicas linguisticamente marcadas, tais como relações simétricas (igualdade/afinidade) e assimétricas (inferioridade e superioridade, que são assinaladas pelo uso de pronomes e de formas pronominais, como *você, tu, vosmecê, senhor, Vossa Senhoria, Coronel*, que estão diretamente correlacionadas ao papel social desempenhado na sociedade ali retratada.

Em **Mapeamento de padrões construcionais com o verbo virar na língua portuguesa**, *Pedro Gomes da Silva Neto e Déborah Magalhães de Barros* analisam os usos do verbo *virar* com o propósito de mapear um conjunto de padrões construcionais a ele associados. Filiado à abordagem construcionista, o estudo constatou os usos do verbo *virar* nas construções de Movimento Causado, de Movimento Intransitiva, Resultativa Intransitiva, de [Pronome Oblíquo + virar] e de [virar e mexer + Oração] em Português Brasileiro. Além disso, foi reafirmado que o agrupamento de representações, atribuído ao esse verbo, engloba diferentes contextos de uso e assume variados padrões oracionais com base nos quais usos mais específicos emergem.

No estudo **A construção lexical SNLoc atributiva em uso no Português Contemporâneo**, *Milena Torres de Aguiar*, em pesquisa de viés pancrônico, feita com base no do *Corpus* do Português para analisar as sincronias passadas, e do *Corpus* Discurso & Gramática para os usos do século XX, observa que a macroconstrução SNLoc atributiva, recorrente no português contemporâneo, tem produtividade maior na modalidade falada e em sequências de fundo narrativo. Além disso, o locativo unido ao SN assume um sentido de imprecisão, distinto do original, constituindo-se em um novo par forma e sentido, do tipo endocêntrico, complexo, produtivo e parcialmente composicional.

Em **Gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso**, *Roberto de Freitas Jr, Lia Abrantes Antunes Soares, João Paulo da Silva Nascimento e Vitor Luiz Vieira da Silveira* discutem a aquisição de L1 e L2, a partir dos princípios teóricos da Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD) e da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Centrando-se em questões teóricas com base em dados originários de pesquisas com foco no conhecimento gramatical de falantes não nativos do português brasileiro (PBL2) e do inglês (IL2), os dados do estudo revelam a instanciação de padrões (i) [(ESP) N] no contexto de aquisição do PBL2 e (ii) [(X) VSN] no contexto de aquisição do IL2.

O estudo **O conceito de ‘construção’ e a prática de reflexão linguística no ensino de língua materna: potencialidades e desafios com foco no uso**, desenvolvido por *Maitê Moraes Gil* e *Maity Siqueira*, apresenta uma proposta de intersecção do conceito de ‘construção’, originário da Gramática Cognitiva, com prática de reflexão linguística em aulas de língua materna. Para isso, foram analisadas construções com verbos de movimento (‘ir’, ‘vir’ e ‘chegar’) seguidos pelas preposições ‘a’, ‘em’ e ‘para’, retirados do *Corpus TecEM*. Nos resultados do estudo, são destacadas as potencialidades e os desafios relacionados à inclusão do conceito de ‘construção’ em práticas didáticas no ensino de língua materna.

No texto, **A rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI**, *Mariangela Rios de Oliveira* e *Vanessa Barbosa de Paula* analisam instâncias dos subesquemas que integram a rede construcional [[para lá de] [X]] no português contemporâneo do Brasil (PB) e de Portugal (PE) do século XXI. Em seus resultados, as autoras apontam como [[para lá de] [X]] distribui-se em diferentes pareamentos de forma e sentido, formando uma rede de construções interconectadas vertical e horizontalmente. A rede construcional também apresentou produtividade relativa na língua, demonstrando que a gradiência exibida na sincronia atual está ligada a contextos de emergência da construção de grau intensivo [[para lá de] [X]], bem como a mudanças ocorridas na pós-construcionalização.

Em **Modelagem de produção de texto sintético como subsídio para a aplicação na Pedagogia de Gênero**, *Giacomo Patrocínio Figueredo*, *Karen Andressa Teixeira Santorum*, *Nathan Botelho Andrade* e *Lucas Alexandre Damasceno* apresentam um modelo de produção de texto sintético que difere da seleção não-sistematizada por preconizar a natureza quantitativa da língua com base no uso para a seleção de ‘textos-modelo’. Dessa forma, por meio da apresentação de um processo de modelagem de um texto sintético do domínio da Popularização da Ciência, o artigo demonstra como a modelagem de textos sintéticos pode servir como subsídio eficiente para aplicação no ensino.

No artigo **Um estudo de construções com o verbo deixar em fala espontânea do português brasileiro: aspectos gramaticais/discursivos e análise acústica**, *Luis Filipe Lima e Silva* e *José Carlos Costa*, *Sueli Maria Coelho* centraram-se no comportamento do verbo *deixar* no português brasileiro tendo como base dados de fala espontânea extraídos do *Corpus C-ORAL-BRASIL I*. Os resultados demonstram um

maior uso do verbo com função discursiva, manifestado pela construção [deixa eu], seguida da função gramatical e da função lexical. Quanto à função gramatical, esta está inserida na construção da qual o verbo participa, sugerindo um processo de construcionalização em andamento. Na análise acústica, foi demonstrado que construção [deixa eu] encontra-se em um estágio mais avançado de mudança, associado à sua função de marcador discursivo.

No artigo **Os usos de processos materiais acadêmicos em artigos científicos**, *Monique Vieira Miranda* analisa os processos materiais acadêmicos mais frequentes em um *corpus* de artigos científicos (CAPB), tendo como fundamento os preceitos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Os resultados demonstram que, dentre os dez verbos acadêmicos mais frequentes, seis realizaram orações materiais, sendo eles: *apresentar, utilizar, realizar, encontrar, analisar e determinar*. No estudo, a análise contrastiva entre as áreas de conhecimento permitiu verificar que a diferença de uso está centrada na forma como diferentes áreas optaram por empregar os processos materiais, bem como nas implicações textuais e discursivas decorrentes dessas escolhas.

Em **A polissemia da construção relacional binominal SN1 de SN2 no Português Brasileiro**, *Carolina Piechotta Martins Santos e Karen Sampaio Braga Alonso* fundamentam-se no modelo de Ponto de Referência e na Linguística Baseada no Uso para descrever a construção relacional binominal do tipo N1 de N2 no português brasileiro, com respeito a sentidos variados, tais como, parte-todo, localização e especialização. Utilizando os dados do *Corpus do Português*, as autoras investigam a polissemia da construção para verificar a hipótese de haver um continuum entre dois domínios – o da POSSE e o da ESPECIFICAÇÃO nessas construções.

No artigo **A rede de construções causais na diacronia do português**, *Bruno Oliveira e Maria da Conceição Paiva* analisam a rede de construções causais do português ao longo dos séculos XIII a XXI com o objetivo de identificar as mudanças nos *links* entre essas construções. Nos resultados, foi constatada uma distribuição bastante diferenciada das construções causais ao longo dos séculos, bem como alterações quanto à sua maior ou menor centralidade em diferentes domínios, sugerindo a ocorrência de processos de expansão ou de especialização registrados ao longo de sua evolução.

Nilza Barrozo Dias e Angelina Maganha Grigorio da Silva investigam, no artigo **A posição da oração completiva em construções subjetivas: o papel do design visual na dinâmica das construções**, as construções subjetivas de modalização (deôntica e epistêmica) e de avaliação. Com base na perspectiva de modelos centrados no uso, 214 dados de uso foram coletados do *site* da rede social *Facebook*. Os resultados demonstram que a motivação discursiva determina a ordem da oração subjetiva avaliativa em relação à sua matriz. Além disso, do ponto de vista textual-discursivo, a construção subjetiva atua como uma “ilha” de valor impessoal e genérico, cercada por informações pessoais e por experiências pessoais.

Em **Processamento, representação e variação do plural das palavras terminadas em ditongo oral decrescente do PB**, *Thiago Lucius Alvarez Amaral e Christina Abreu Gomes* centram-se na alternância entre formas de plural de nomes cujo singular termina no ditongo oral decrescente terminado em *-u*, como em *pneus ~ pneis, espanhóis ~ espanhous*. Com base nos pressupostos da teoria dos Modelos de Exemplos, os resultados do estudo confirmam a competição de dois padrões de plural sobre as representações das palavras no léxico, conforme observado em dados experimentais.

No texto **Casar (marry) x Noivar (engage): a Usage-Based Analysis for the Caused-Action Construction in Brazilian Portuguese**, *Larissa Santos Ciríaco, Thaís Maira Machado de Sá e Clarice Fernandes Santos* investigam a ocorrência de um tipo de construção causativa em português brasileiro, exemplificada por “O pai casou a filha”, que, restrita a poucos verbos, tem se tornado bastante usual em Português Brasileiro. Nos resultados, as autoras advogam que essas construções são restritas por um cenário convencionalizado de investimento pessoal, seja ele financeiro, emocional ou social.

Em **A Colocação Pronominal no Português Brasileiro de Nova Iguaçu: o que os dados empíricos revelam da comparação entre fala e escrita?**, *Ana Luísa Theza Martins e Juliana Barbosa de Segadas Vianna* investigam, com base em amostras de fala e de escrita da cidade de Nova Iguaçu (RJ), o fenômeno da posição dos clíticos pronominais em lexias simples. Tendo como referencial a Sociolinguística Variacionista, são identificados os fatores sociais e linguísticos condicionantes da próclise, em detrimento da ênclise, nas modalidades oral e escrita. As autoras apontam, ainda, os elementos proclisadores tradicionais e não tradicionais mais frequentes nesse uso.

Maria Maura Cezario, Thiago dos Santos Silva e Juliana Sant'anna, no artigo **O domínio da concessão: uma análise baseada nos usos de construções oracionais com mesmo que, ainda que e se bem que**, analisam trezentos dados de construções oracionais adverbiais, sendo cem iniciadas com *ainda que*, cem com *mesmo que* e cem com *se bem que*, extraídas da aba Web do *Corpus do Português*. Os resultados apontam para diferenças nos usos devido a maior ou menor subjetividade e força de articulação de cada subesquema oracional e da oração matriz.

Em **Análise dos conectores com o objetivo de e com o intuito de à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso**, *Ivo da Costa do Rosário e Brenda da Silva Souza* analisam as propriedades morfosintáticas e semântico-pragmáticas das microconstruções conectoras *com o objetivo de* e *com o intuito de*. Investigando dados provindos de *corpora* de modalidade escrita do português brasileiro contemporâneo (NUPACT-UFJF), os autores demonstram como a posição dos conectores implica diferentes valores discursivo-pragmáticos. Além disso, essas microconstruções foram confirmadas como aloconstruções, testadas em um quadro de variação construcional.

No texto **O adjetivo no português brasileiro contemporâneo**, *José Romerito Silva e Ana Catarina Ferreira Cabral Oliveira* discutem o adjetivo no português brasileiro contemporâneo em uma ótica construcional, centrando-se em aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, cognitivos e discursivo-pragmáticos. Dados do *corpus* mostram que a diversidade formal e funcional de construções adjetivas é motivada principalmente por fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos.

No artigo **Psicolinguística e Modelos Baseados no Uso** *Neemias Souza Filho e Mahayana Godoy* demonstram que, embora haja diferenças, existe espaço na psicolinguística para modelos de processamento da linguagem assentados em noções importantes para os modelos linguísticos baseados no uso, tais como eficiência e objetivos comunicativos. Nessa direção, o artigo contribui para um incremento na colaboração entre linguistas e psicolinguistas que desenvolvem trabalhos com esses modelos teóricos.

Finalmente, mas não por último, agradecemos aos autores pela inestimável colaboração publicando neste número temático, bem como pela grande qualidade dos trabalhos apresentados. Convidamos também o leitor a esmiuçar o número, desejando que os temas tratados possam contribuir ainda mais para a realização de instigantes e desafiadoras pesquisas na área.

Agradecimentos

Maria Angélica Furtado da Cunha agradece ao CNPq a concessão da Bolsa de Produtividade em Pesquisa, processo no 306584/2020-4.

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira agradece ao CNPq a concessão da Bolsa de Produtividade em Pesquisa, processo no 309492/2020-3

Referências

ALVES, R. J. *Os estatutos textual e semântico da conjunção*. 2015. 54 f. Monografia (Graduação em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

ALVES, R. J.; MIRANDA, M. V.; OLIVEIRA, A. L. A. M. O sistema de conjunção em resumos acadêmicos do PB: uma perspectiva semântico-discursiva com base na teoria sistêmico-funcional. In: ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, T. P. (orgs.). *Descrição funcional do português: teoria e ensino*. Campo Grande: Editora UFMS, 2021. p. 11-37.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BISPO, E. B. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. 2009. 164 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

BISPO, E. B.; MOREIRA, B. de L. Mudança construcional e construcionalização em estruturas do tipo na hora (em) que + oração. *Odisseia*, Natal, v. 2, n. esp., p. 144-163, 2017. DOI: 10.1680/1983-2435.2017v2n0

BISPO, E. B.; SILVA, L. M. da. Abordagem funcionalista da oração adjetiva: uma intervenção pedagógica no ensino fundamental. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 1-21, 2020. DOI: 10.22168/2237-6321-21897.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, New York, v. 82, p. 711-733, 2006. DOI: 10.1353/lan.2006.0186.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAFFAREL, A.; MARTIN, C.; MATTHIESSEN, M. I. M. (eds.). *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2004.

CESAR, A. M. *Evento de movimento transitivo: uso, cognição e rede construcional*. 2020. 180 f. (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

CHAFE, W. *Discourse, consciousness and time: the flow of displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

COSTA, M. A. *Procedimentos de manifestação do sujeito – uma análise funcionalista*. 1995. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1995.

COSTA, J. da L. *Pré-fabricados linguísticos: estrutura e funcionamento dos sintagmas verbais idiomatizados. Por uma abordagem cognitivo-funcional em sala de aula*. 2007. 315 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

FREITAS JR. R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. da S. *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. V. 1. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 2020.

FREITAS JR. R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. da S. *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. V. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org). *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Banco conversacional de Natal*. Natal: EDUFRN, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, n. 52, p. 785-808, 2020. DOI: 10.22409/gragoata.v25i52

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRN, 2016.

HALLIDAY, M. A. *An introduction to functional grammar*. Oxford: Routledge, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. *Writing science*. Literacy and Discourse Power. London: Flamer Press, 1993.

HAO, J. Reconsidering “cause inside the clause” in scientific discourse—from a discourse semantic perspective in systemic functional linguistics. *Text & Talk*, London, v. 38, n. 5, p. 525-550, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1515/text-2018-0013>

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Paris: Colin, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1973.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEECH, G. *The pragmatics of politeness*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LIMA, L. C. de. *A transitividade na conversação: uma abordagem centrada no uso*. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

LUCENA, N. L. de. *A construção transitiva no PB: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2016. 155 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. London: Oakville, 2008.

MARTIN, J.; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. 2. ed. London: Continuum, 2007.

MELO, S. A. S. de. *Construções de estrutura argumental com verbos de percepção*. 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

MIRANDA, M. V.; OLIVEIRA, A. L. A. M.; OLIVEIRA, A. A. *Corpus de artigos acadêmicos do Português Brasileiro* (CAPB), 2018. Disponível em: <sites.google.com/view/corpusacademico/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MIRANDA, M. V. *Transitividade no vocabulário acadêmico em Português Brasileiro: uma análise baseada em artigos científicos*. 2021. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

MOREIRA FILHO, J. L. *Kitconc 4.0*, 2008. Disponível em: Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dl/li/x/?p=435>>. Acesso em: 10 out. 2021.

NATION, I. S. P. *Learning vocabulary in another language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

NOONAN, M. Nonstructuralist syntax. In: DARNELL, M.; MORAVCSIK, E.; NEWMYER, F.; NOONAN, M.; WHEATLEY, K. (eds.). *Functionalism and formalism in linguistics*, v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998. p.11-31.

OLIVEIRA, A. L. A. M.; CUNHA, G. X.; MIRANDA, M. V. A nominalização deverbal como estratégia complexa de polidez em artigos científicos brasileiros. In: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. (orgs.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Ed. FALE, 2018. p. 261-282.

ROSÁRIO, I. da C. Texto e gramática na Educação Básica: como fica o ensino da sintaxe? In: WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, M. R. (orgs.). *Texto e gramática: novos contextos, novas práticas*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 77-114.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, T. P. (orgs.). *Descrição funcional do português: teoria e ensino*, Campo Grande: Ed. UFMS, 2021.

SANTOS, M. A. P. *Metáforas e metonímias no contexto de ensino-aprendizagem de língua espanhola*. 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. 2008. 310 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

- SILVA, J. R.; SABINO, M. C. A construção estativa com o verbo ‘ser’. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, p. 757-784, 2020. DOI: 10.22409/gragoata.v25i52.
- SLOBIN, D. I. The origins of grammaticizable notions: Beyond the individual mind. In: SLOBIN, D. I. (ed.). *The crosslinguistic study of language acquisition*. Mahwah: Erlbaum, 1997. p. 265–323.
- TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- THOMPSON, S. A.; HOPPER, P. J. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 27-60.
- TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Boston: Harvard University Press, 2003.
- TRAUGOTT, E. C. Exaptation and grammaticalization. In: AKIMOTO, M. (ed.). *Linguistic studies based on corpora*. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing, 2004. p.133-156.
- TROUSDALE, G.; HOFFMANN, T. (eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WEBB, S.; NATION, P. *How vocabulary is learned*. Oxford: Oxford University Press, 2017.